O MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO ESPAÇO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Janaina Cardoso de Mello[1]

Resumo: O ensino da língua portuguesa para além da gramática normativa encontra significado para o educando quando participa de seu cotidiano, quando resgata os modos de falar e escrever da informalidade articulando-os de forma dinâmica e respeitosa as concepções da língua padrão. O Museu da Língua Portuguesa em São Paulo, ao instituir um espaço para salvaguarda e difusão do idioma cumpre seu papel junto aos princípios da museologia social quando o visitante é um agente que interage e participa ativamente da exposição exercitando seus conhecimentos em um laboratório da aprendizagem.

Palavras-chave: Museu; Língua Portuguesa; Ensino.

The museum of the portuguese language as the teaching-learning space

Abstract: The teaching of portuguese in addition to the normative Grammar is meaningful when participating in their daily life, rescues when the modes of speaking and writing of informality articulating them in a respectful and dynamic conceptions of standard language. The Museum of the Portuguese Language in São Paulo, to establish an area for preservation and dissemination of language plays its role in the principles of social museology when the visitor is an agent that interacts and participates actively exercising their knowledge of exposure in a laboratory learning.

Keywords: Museum; Portuguese Language, Teaching.

1 O MOVIMENTO DA NOVA MUSEOLOGIA E A FUNÇÃO SOCIAL DOS MUSEUS CONTEMPORÂNEOS

Na mitologia grega, o Museu ou *Mouseion* foi definido como o templo das musas, filhas de *Mnemosine* (a memória) e portanto, sua maior expressão e representação. Aproximadamente no século III a.C. a guarda da memória coletiva corporificou-se na criação do Museu de Alexandria, na dinastia ptolomaica, abrigando os grandes sábios a serviço do soberano. Esse espaço consolidou-se como o primeiro grande centro de investigação científica, tendo a sua disposição a maior coleção de papiros do mundo antigo disposta em aproximadamente 700.000 volumes que formaram a Biblioteca de Alexandria, perpetuando a memória do conquistador Alexandre no sonho materializado de uma biblioteca universal (BADR, 2005, p. 107-116).

Resguardadas as especificidades de cada campo do saber (a Museologia e a Biblioteconomia), os museus e as bibliotecas surgem entrelaçados como "lugares de

[1] Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professora Adjunta I do Núcleo de Museologia da Universidade Federal de Sergipe; Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e Patrimônio Sergipano (GEMPS/CNPq); Pesquisadora FAPITEC-SE. E-mail: janainamello@uol.com.br

memória"[2] e de informação agregando valor aos bens conservados nessas instituições. Sendo os bens comuns a esses espaços entendidos como "documentos"[3] com funções determinadas, em um dado contexto histórico, resultantes de processos de seleção que os consagram como "patrimônio histórico"[4], são também portadores de uma pedagogia informativa e em muitos casos formativa. Segundo Mário Chagas: "é pela comunicação homem-bem cultural preservado que a condição de documento emerge. A comunicação confere sentido ao documento". (1994, p.47).

Comunicação essa que estabelece a relação entre sujeito e objeto e institui um sentido social que pode ser entendido como produto e produtor da democratização da experiência e do conhecimento humanos e da fruição distinta dos bens da chamada "cultura material"[5]. Os documentos ao se tornarem acessíveis em razão de escolhas institucionais operam com intencionalidades de uma "representação social"[6] que se deseja postergar aos seus receptores, a qual pode ser absorvida na originalidade da emissão ou ressignificada de acordo com as vivências pessoais de cada usuário.

A partir do início da década de 1970 que a comunidade museológica intensifica sua preocupação quanto à função social do museu e das práticas museológicas, criticando o modelo tradicional europeu, impulsionando a emergência do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM) com propostas voltadas das ações preservacionistas (identificação, pesquisa, documentação e comunicação) ao ser humano, a coletividade e a promoção social, abrindo as portas dos museus às preocupações do mundo contemporâneo.

---

[2] Para Pierre Nora (1993, p.13), são "lugares de memória": "...museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações [...]", ou seja, a ordenação de uma memória que não existe mais espontaneamente e precisa ser mantida nos vestígios do que foi outrora.

[3] Para Jacques Le Goff: "O documento não é inócuo. Antes de mais, é o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, também pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando o seu significado aparente. O documento é monumento. É o resultado do esforço realizado pelas sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias". (LE GOFF, 2000, p.114).

[4] Conforme Françoise Choay (2008, p.11), a expressão patrimônio histórico "designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objectos que congregam a sua pertença comum ao passado: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos".

[5] A ideia de "cultura material" deve ser apreendida quando se faz referência aos *bens tangíveis*, enquadrando-se como *bens móveis* (objetos de arte, objetos litúrgicos, livros e documentos, fósseis, coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais e arquivísticos) e *bens imóveis* (monumentos, núcleos urbanos e edifícios, templos, bens individuais, sítios arqueológicos e sítios paisagísticos) (cf. PELEGRINI, 2009, p.28).

[6] As representações sociais são "um conjunto de conceitos, frases e explicações originadas na vida diária durante o curso das comunicações interpessoais". Segundo a definição apresentada por *Jodelet*, são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideológico em que vivemos. São formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos (imagens, conceitos, categorias, teorias), mas que não se reduzem apenas aos conhecimentos cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a comunicação entre os indivíduos. Dessa maneira, as representações são fenômenos sociais que têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção, isto é, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam. (ALEXANDRE, 2004, p.131).

O museu passa a ser visto como uma instituição capaz de promover a preservação, a valorização da história, da memória e das tradições locais, integrando-se à comunidade ao incentivar sua participação para a valorização de sua cultura e sua identidade. Assim, o museu transforma-se em um instrumento promotor da inclusão social ao contribuir para o desenvolvimento individual e coletivo, sem deixar de ser um equipamento socioeducativo e de lazer.

Essa inovação teórico-metodológica no campo da museologia foi registrada em documentos produzidos em encontros organizados pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) e UNESCO, objetivando o estabelecimento de um museu comprometido socialmente e politicamente com a sociedade na qual está inserido.

Três desses documentos – as Declarações de Santiago do Chile (1972); de Oxatepec no México (1984) e a de Caracas (1992) – foram produzidas a partir da realidade específica da América Latina. Todavia, há que se ressaltar a importância da Declaração de Quebec (1984) por nela constar o reconhecimento pela comunidade museológica do MINOM, movimento gerador da Museologia Social.

A ***Declaração de Santiago do Chile*** foi resultante do encontro de museólogos latino-americanos em uma mesa-redonda intitulada "O papel do museu na América Latina". O contexto sócio-político e cultural da década de 1970 era efervescente por si mesmo no bojo de transformações de modelos políticos, éticos, sexuais de onde emergiam propostas contestatórias aos padrões vigentes. Nos cenários políticos ditatoriais dos países latino-americanos surgiram movimentos libertários como a contracultura, o movimento feminista, o movimento ecologista, o movimento dos direitos humanos e das minorias, dentre outros.

A comunidade museológica impulsionada por essa atmosfera questionava o modelo tradicional das instituições museais – alheio às questões sociais, e sua percepção elitista de patrimônio cultural –, reivindicando uma nova via com compromissos e práticas sociais.

No Chile, os princípios do Museu Integral nortearam as transformações no âmbito do pensamento museológico, nesse sentido, desejava-se uma instituição com compromisso social, integrando-se à comunidade através da valorização da cultura e identidade local. A história social, as tradições e as memórias locais constituiriam elementos e recursos para o desempenho das atividades museológicas. Assim, o museu integral se corporificaria como um espaço dinâmico capaz de colocar a comunidade em

contato com sua historicidade, tradições e cultura (MESA REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1999, p.111).

Para a realização dessa proposta era fundamental que houvesse um compromisso social da linguagem museológica através de exposições temáticas (itinerantes e temporárias) como apoio para projetos socioeducativos. Os temas deveriam envolver a realidade local e as exposições deveriam atuar como suportes para a comunicação sobre conhecimentos científicos, culturais e tecnológicos que pudessem contribuir para a superação das dificuldades cotidianas enfrentadas pela comunidade (rural ou urbana).

Desse modo a inserção de inovações museográficas perpassava a inclusão dos avanços tecnológicos como temática expositiva, abrangendo novas técnicas museográficas. A linguagem do discurso museológico deveria ser acessível e adequada ao contexto social, histórico e econômico do público com quem se pretendia estabelecer a comunicação. Por isso os elementos museográficos deveriam estar relacionados com a cultura local promovendo formas de identificação e criação de laços de afetividade entre o sujeito que observa e o objeto/mensagem que é observado, na medida em que o conteúdo das exposições remonta as experiências de vida e os modos de produzir daquele grupo social que visita a exposição.

Buscava-se a adequação das atividades museológicas às transformações sociais, a interdisciplinaridade na compreensão do patrimônio cultural e na atuação dos profissionais dos museus, as parcerias entre grandes e pequenos museus na difusão do conhecimento, o planejamento de ações socioeducativas focadas na educação permanente (integrando as ações socioeducativas dos museus à política nacional de ensino) e a oferta de serviços do museu à comunidade em geral (em programas de formação de coleções, montagem de exposições e comunicação de conhecimentos).

A articulação dessas propostas resultou em dois projetos experimentais desenvolvidos no México: a "Casa Museu" que buscava integrar o museu à comunidade e o programa "Museus Escolares" criando pequenos espaços museais nas escolas como auxiliares didáticos.

Em 1984, com a ***Declaração de Quebec*** (1999, p.223-225), são oficializados os princípios de base de uma nova museologia considerando-se os modelos alternativos de museus que surgiam em diferentes países como por exemplo os ecomuseus e os

museus comunitários que tinham em comum a preocupação com o patrimônio cultural e o desenvolvimento social.

Esse documento traz em si uma atribuição fundamental à metodologia de atuação museológica que é a busca da integração das populações às suas ações através da interdisciplinaridade e da utilização de métodos contemporâneos de comunicação e gestão. A adoção do conceito ecológico de comunidade entendida não somente a partir dos aspectos administrativos e políticos, mas sobretudo em sua territorialidade e seu ecossistema. A mudança do foco da exclusiva preservação do objeto para a promoção social e o reconhecimento das ações do MINOM e de novas práticas museológicas direcionadas para a função social do patrimônio cultural e do museu.

Ainda em 1984, outro documento, a ***Declaração de Oaxtepec*** (PRIMO, 1999, p. 13-14) aprofundou os conceitos básicos da ecomuseologia (segundo o modelo proposto por George Rivière) para adequá-lo à realidade latino-americana. Assim, três conceitos foram basilares para esse processo:

a) Território-patrimônio-comunidade como unidade indissolúvel.
b) Espaço territorial musealizável para além da delimitação dos aspectos políticos e administrativos, como por exemplo a observação da produção, do trabalho, das relações familiares e sociais, o ecossistema. Sendo assim mais do que uma propriedade, pois ao imiscuir aspectos sociais, culturais e naturais, torna-se uma herança social.
c) Preservação *in situ*, ou seja, o bem preservado no seu contexto original para não comprometer a ideia original ao retirar o patrimônio de seu contexto.

Sendo essenciais os projetos de ações sociomuseológicas para sensibilizar a população local quanto à importância de seu patrimônio, como também para capacitá-la para utilizá-lo como fator de inclusão social através de ações de recuperação, salvaguarda e fortalecimento da história e da identidade cultural.

Em 1985 durante o *II Encontro Internacional "Nova Museologia/Museus Locais"*, em Lisboa, a comunidade museológica reconheceu formalmente o MINOM que dois anos depois foi reconhecido como instituição afiliada ao Conselho Internacional de Museus (ICOM).

Em 1993, a ***Declaração de Caracas*** (1999, p. 251-263) institui o museu como gestor do patrimônio cultural em uma parceria com a comunidade enquanto co-gestora de seus bens culturais. Salientando-se as responsabilidades sociais do museu com a comunidade:

* O papel do museu na capacitação da população local para gestão de suas instituições culturais, estabelecido via um processo de comunicação interativa e integrada à realidade local.
* A comunidade como objeto de pesquisa, fonte de conhecimentos, participando assim na coleta e investigação de elementos significativos de seu processo cultural e se responsabilizando pela preservação e difusão do seu patrimônio cultural.
* O museu como espaço de integração social, no qual a comunidade relaciona-se com seu patrimônio e se reconhece através dos elementos próprios da sua cultura.
* O papel do museu no processo de educação permanente. Sendo seus recursos instrumentos importantes para o desenvolvimento individual e social, capazes de promover a formação crítica e cognitiva dos indivíduos, contribuindo para a melhoria das condições de vida e do exercício da auto-estima da comunidade.
* A importância dos bens culturais como instrumentos de comunicação, educação e de ações sociais, buscando a museologia – enquanto uma ciência interdisciplinar – conhecer a rede de relações que envolvem os significados e valores do patrimônio cultural.
* O desenvolvimento de atividades e implantação de processos museológicos coerentes com o contexto de atuação.

Aspectos que foram levados em consideração na concepção, projeto e atividades expográficas presentes no Museu da Língua Portuguesa em São Paulo. Um museu físico, mas repleto de virtualidade onde a arte, a tecnologia avançada e a interatividade dão vida ao patrimônio cultural linguístico dos povos lusófonos e servem como um laboratório para o ensino dinâmico da língua portuguesa. Uma aprendizagem via experimentação visual, auditiva, sensorial e interativa.

2 O MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA EM SÃO PAULO: LABORATÓRIO DE ENSINO DINÂMICO

Tendo seu projeto iniciado em 2002, com a restauração do prédio da Estação da Luz[7], o Museu da Língua Portuguesa de São Paulo foi inaugurado em 20 de março de 2006 em cerimônia que reuniu o cantor baiano e na época Ministro da Cultura Gilberto Gil, a Ministra da Cultura de Portugal Isabel Pires de Lima, o governador paulista Geraldo Alckmin, o prefeito de Lisboa António Carmona Rodrigues, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian e representantes de países lusófonos.

A escolha do local foi emblemática, uma vez que como porta de entrada da capital paulistana o prédio simbolizava no final do século XIX o primeiro contato dos

[7] O projeto de construção da estrada de ferro ligando Santos à Jundiaí iniciou-se em 1867, representando um grande avanço para a cidade de São Paulo. O prédio da Estação da Luz foi inaugurado em 1º de maio de 1901, com seu projeto de estilo vitoriano orientado pelo engenheiro F. Ford (ELIAS, 2001, p.25-26).

imigrantes que chegavam da Europa via porto de Santos e utilizavam a Estação da Luz para seguir até a cidade de São Paulo inserindo-os no contexto da língua portuguesa falada no Brasil.

O responsável pela ideia do Museu da Língua Portuguesa, Ralph Appelbaum, já possuía projetos anteriores de expressividade na área cultural como o Museu do Holocausto em Washington e a sala de fósseis do Museu de História Natural nova-iorquino. Sendo o projeto arquitetônico de autoria dos brasileiros Paulo e Pedro Mendes da Rocha, pai e filho. Ao cargo de direção do museu foi conduzida a socióloga Isa Grispun Ferraz, sendo também responsável pela coordenação de uma equipe composta por trinta especialistas no idioma. A direção artística foi realizada por Marcello Dantas, um *museum maker*, que articulou o discurso e a linguagem da instituição, considerando o espaço físico, a disposição das obras e a aplicação da tecnologia em cada peça de cada módulo (CALSAVARA, p.2007).

Ao adentrar o Museu da Língua Portuguesa, o visitante é recepcionado pela "Árvore da Língua", uma escultura de três andares – criada pelo arquiteto e designer Rafic Farah – em que objetos assumem o contorno de suas folhas e suas raízes emergem como palavras originárias da língua portuguesa e desse modo: "a *Árvore da Língua* assim caracterizada, representa a história da língua desde suas raízes até a evolução das palavras" (HONORA, 2009, p.86). O acesso a um elevador panorâmico permite ao usuário visualizar a árvore em sua totalidade.

Outro espaço significativo é o "Beco das Palavras" – criado por Marcelo Tas auxiliado pelo etimologista Mário Viaro – que se transmuta em um jogo de etimologia onde a exposição de caráter permanente assume um contorno lúdico na qual os usuários podem interagir movimentando imagens com fragmentos de palavras compostos por sufixos, prefixos. Os visitantes inserem-se na "brincadeira pedagógica" e ao atingir o objetivo da formação de palavras completas vêem a mesa de projeção transformar-se em uma tela futurista com animações e filmes sobre a origem e o significado da palavra formada.

Ainda é possível percorrer uma geografia linguística através do "mapa dos falares" montado sobre uma tela interativa onde é possível acessar áudios com amostras dos modos de falar dos brasileiros dos vários estados, articulando seus sotaques e expressões mais peculiares.

As "Lanternas das Influências" dispõem oito totens multimídias, com formato triangular dedicados às línguas que compuseram e influenciaram o idioma português falado no Brasil, dois totens retratando as línguas africanas, dois totens dedicados às línguas indígenas, e um totem para a língua espanhola, a língua inglesa, a língua francesa e as línguas dos imigrantes, ficando por ultimo um totem dedicado à língua portuguesa no mundo. Cada totem possui três monitores interativos em cada face. O conteúdo das telas multimídias foi desenvolvido sob a coordenação do roteirista Marcello Macca e Isa G. Ferraz a partir de textos de Ataliba Teixeira de Castilho, Alberto Costa e Silva, Ana Suely Cabral, dentre outros. E através desses, busca-se demonstrar a riqueza e a pluralidade cultural da língua portuguesa articulada à contribuição de povos com distintas origens na construção da língua e da identidade brasileira.

Na "Praça da Língua" um planetário de palavras é apresentado em efeitos visuais luminosos no piso e no teto com clássicos da prosa e da poesia experimentados pelos visitantes via sons e imagens cuja temática perpassa o amor, o exílio, as pessoas, as favelas, dentre outros. Nesse grande anfiteatro virtual são projetadas tanto as poesias de Carlos Drummond de Andrade, Gregório de Matos, Fernando Pessoa e Luís de Camões quanto textos de Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, Machado de Assis, além de canções de Noel Rosa e Vinícius de Moraes. As vozes que mobilizam os sentidos dos usuários provêm das narrativas de músicos ou atores como Arnaldo Antunes, Chico Buarque, Maria Bethânia Zélia Duncan e Paulo José.

Complementando a viagem linguística uma grande "Linha do Tempo" traz a História da Língua Portuguesa remontando quatro mil anos antes de Cristo, resultante da pesquisa do professor Ataliba de Castilho, com as origens remotas e indo-europeias da língua portuguesa perpassando o etrusco, o latim clássico e vulgar, como as línguas românicas e a tríade da língua portuguesa contemporânea: o português lusitano, as línguas indígenas e as línguas africanas. "A partir do descobrimento do Brasil elas se transformam em apenas uma e mostram o surgimento desse idioma único em sua expressividade, cultura e sotaque" (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2006, p.7). São seis mil anos da história humana contada através da língua tendo ainda um painel com 120 grandes obras da literatura brasileira selecionadas por Alfredo Bosi.

Sendo a língua portuguesa o primeiro idioma falado em Angola, Brasil, Portugal, São Tomé e Príncipe e Moçambique, é também a língua oficial de Cabo Verde

e Guiné-Bissau. Ao percorrer o alcance geográfico da língua portuguesa encontram-se aproximadamente 190 milhões de falantes na América do Sul, 16 milhões de africanos, 12 milhões de europeus, 2 milhões na América do Norte e 330 mil pessoas na Ásia (GORDON, 2005).

A criação do Museu da Língua Portuguesa cumpre o papel de salvaguarda, divulgação e exercício do idioma, tendo o primeiro projeto do museu *Formação de Educadores da Língua Portuguesa* constituído uma rede de aprendizagem coordenada pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo e pela Fundação Roberto Marinho para a capacitação de 4.800 professores de forma interdisciplinar abrangendo 300 escolas públicas. Segundo Honora: "A rede contém velhas e novas tecnologias de comunicação como cadernos de roteiros, livros, materiais audiovisuais, videoconferências e Internet. O espaço virtual recebe em média quatro mil acessos diários". (HONORA, 2009, p.87).

Entende-se que não apenas o professor de língua portuguesa deve ter o conhecimento sobre seu objeto de estudo e ensino, mas também os educadores de outras disciplinas como história, geografia e educação artística devem aprender a valorizar e ensinar a língua portuguesa através de seus conteúdos, estimulando a leitura, a busca pela etimologia e compreensão das palavras, seus usos formais e informais. Pois o aluno carrega consigo uma bagagem de usos provenientes de seu meio familiar, de seu contato com amigos de diferentes origens étnicas ou naturalidades e do efeito que a mídia televisiva e na contemporaneidade da *internet* lhe transmite. Essas "falas" e "escritas" migram de disciplina para disciplina e é comum verificar-se correções ortográficas em provas de outra área que não na de língua portuguesa.

Parte-se do princípio, já afiançado por Luft (1985, p.13), de que a língua portuguesa é essencial para a formação do indivíduo na sociedade brasileira, todavia devendo seu ensino ser revisto para além das regras gramaticais, uma vez que somente o diálogo entre a língua falada pelo aluno em espaços extra-escolar e o aprendizado formal no âmbito educativo fará sentido em sua trajetória e terá um impacto significativo em sua experiência de vida.

A língua padrão é importante e deve ser ensinada com facilidade, mas isso só ocorrerá se apresentar um aspecto consistente para que a aprendizagem aconteça de fato (POSSENTI, 1996, p.19). Retorna-se à querela de "culpabilização dos linguistas"

por uma falsa ideia de que os mesmos teriam preconizado a substituição do português padrão pelas formas informais da língua no meio escolar. Mas em verdade, a bandeira levantada pelos linguistas centrou-se em aceitar as variedades não-padrão como línguas com direito, estrutura e estética e que essas podem ser usadas com um valor positivo na relação ensino-aprendizagem, pois a língua portuguesa não estaria encapsulada na gramática normativa, rompendo suas fronteiras para uma riqueza muito maior.

Permeando essa discussão que envolve a língua, o educando e o professor, a pedagogia do ensino pode e deve se utilizar de outros espaços como os museus para tornar a apreensão da língua oficial algo mais prazeroso e vivo. Os museus, para além da concepção clássica de "gabinetes de curiosidade", são locais para a articulação de uma vida dinâmica onde a língua portuguesa apresenta-se nos textos expográficos das plotagens, nas plaquetas que situam e descrevem o objeto da coleção, nos catálogos da exposição, nos filmes de curta duração que interagem com a audição do usuário. Não se pode pensar um museu hoje no Brasil sem o uso da língua portuguesa em seu cotidiano de trabalho.

O Museu da Língua Portuguesa consegue reunir as demandas da sociedade sejam do cidadão ou instituição escolar aos princípios da arte e das novas tecnologias como recursos lúdicos para a comunicação e o ensino às novas gerações de brasileiros.

Mais do que um museu centralizado em São Paulo, seria interessante sua disseminação á exemplo do que acontece com os Museus Históricos ou de Arte (casos do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Sergipe) ou os Centros Culturais (CCBB no Rio de Janeiro e em São Paulo). A instalação de um Museu da Língua Portuguesa no Nordeste e, porque não dizer, em Sergipe – que na atualidade tem assumido a dianteira na propagação de instituições de caráter museológico como o recém-inaugurado Palácio Olímpio Campos e em breve o Centro Cultural do BANESE no antigo prédio do Atheneuzinho, além do Museu do Mangue – serviria para valorizar a língua local e os regionalismos, rompendo com a ilusória concepção de que "todo nordestino fala da mesma forma", se articulando à língua padrão dentro de suas normatizações próprias.

Como capital social de grande valor, a língua portuguesa não é exclusividade de um Estado e, portanto, um museu destinado a ela ao possuir a capacidade de se

multiplicar pelo território nacional revela seu potencial na difusão e diversificação dos costumes culturais de um povo.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. Representação social: uma genealogia do conceito. In: **Comum** - Rio de Janeiro - v.10 – n. 23, p. 122-138, jul.-dez 2004.

BADR, Manar. **L´ancienne bibliothèque d´Alexandrie:** un regard d´historien. Villeurbanne: ENSSIB, 2005.

CALSAVARA, Katia. O fazedor de museus. In: **TAM Magazine**, ano 4, nº27, março de 2007.

CHAGAS, Mário de Souza. Em busca do Documento Perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. In: **Cadernos de Ensaios** n. 2 – Estudos de Museologia. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/ IPHAN, p. 41-53, 1994

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Património**. Lisboa: Ed.70, 2008.

DECLARAÇÃO DE CARACAS, 1992. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 15. Lisboa: ULHT, p. 243-265, 1999.

DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1984. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 15. Lisboa: ULHT, p. 223-225, 1999.

ELIAS, Maria Beatriz de Campos (org.). **Um século de Luz**. São Paulo: Editora Scipione, 2001.

GORDON, Raymond G. Jr. **Ethnologue: Languages of the World**. Dallas: SIL International, 2005.

HONORA, Maria Margarida Quagliato. **Museu da Língua Portuguesa: a comunicação e a tecnologia a serviço da sociedade**. Dissertação de Mestrado em Educação, Administração e Comunicação. São Paulo: Universidade São Marcos, 2009.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. **História e Memória**. Vol. 2 (Memória). Lisboa: Edições 70, 2000, p. 103-115.

LUFT, Celso. **Língua & Liberdade**. Por uma nova concepção da língua materna. Rio de Janeiro: L&PM, 1985.

MESA REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE. ICOM, 1972. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, nº15. Lisboa: ULHT, p. 111-121, 1999.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Histórico da exposição**. São Paulo: 2 de março de 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, n.10, p. 7-28, 1993.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural: consciência e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

POSSENTI, Sírio. **Por que *(não)* ensinar gramática na escola**. Campinas, ALB: Mercado de Letras, 1996.

PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a museologia. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 16. Lisboa: ULHT, p. 5-38, 1999.